

Certo de que “Deus não fala árabe”, Salman Rushdie foi incisivo “Deus é o grande erro da humanidade”

Pouco antes da sua própria morte, o Ayatollah Khomeini incitou os muçulmanos a assassinar Salman Rushdie. Dezoito anos depois, o escritor sente-se “livre” e no regresso a Portugal, onde participou num debate sobre «Qual é o Deus do Mediterrâneo?», recusou a religião como identidade de um povo.

Joana Brandão



Tal como os seus pais, Salman Rushdie não tem religião e foi esclarecendo a sua posição que começou a sua participação no V Simpósio Sete Sóis Sete Luas que decorreu, ontem, na Biblioteca de Santa Maria da Feira. Pela pertinência do tema, «Qual é o Deus do Mediterrâneo?», o escritor indiano radicado em Londres elogiou a liberdade na abordagem desta temática, que considerou “uma conquista”. Crítico em relação ao judaísmo, cristianismo e ao islamismo, Salman Rushdie recusou as leis divinas escritas na Bíblia e no Corão quando “a grande questão é saber que relação existe entre a sociedade e o indivíduo”: “O judaísmo e o cristianismo defendem que o homem foi criado à imagem de Deus, como se fossem um espelho um do outro; já o islamismo diz que não existe qualquer semelhança entre o homem e Deus. A palavra Islão significa submissão à vontade de Deus, onde não podes questionar. O Corão diz o que deves comer, vestir, como deves pagar os impostos... faz isto e faz aquilo.”

Certo de que “Deus não fala árabe”, Salman Rushdie recordou a infância em Bombaim, onde conviveu com as diferentes religiões. Defensor do multiculturalismo – “que me permite ter mais férias” – o autor de «Shalimar The Crown» (2005) afirmou que “Deus é o grande erro da humanidade” e uma das grandes questões da sociedade actual. Sem tabus explanou que se criaram as religiões

O PRIMEIRO DE JANEIRO

02-12-2006

“para que se possa explicar como chegamos aqui, e para nos dizerem o que fazer já que aqui estamos”. Seguro de que “Deus não criou o Universo em seis dias e descansou no sétimo”, Salman Rushdie defendeu a liberdade de opinião e a democracia como método de discussão. “Não podemos permitir que uma religião nos imponha regras. Quando isso acontece estás a abdicar da liberdade”, argumenta.

“Os iraquianos têm outros para matar”

Dezoito anos depois da edição de «Os Versículos Satânicos», que levou a que fosse acusado de blasfêmia contra o Islão e jurado de morte pelo Ayatollah Khomeini, Salman Rushdie confessou, na terceira visita ao norte de Portugal: “Não sei o que pensam os iraquianos, mas também não lhes vou perguntar. Há cerca de oito anos que já não sinto essa ameaça. Neste momento eles têm outras pessoas para matar.” Livre, portanto. “Mais importante que isso é a liberdade com que os leitores podem, agora, pegar no livro e lê-lo como um romance. Durante anos, o livro foi procurado por razões religiosas ou políticas, mas felizmente já começa a ser lido como um livro de ficção com momentos de comédia”, conclui. Irónico, bem-humorado, crítico e incisivo, Salman Rushdie despediu-se de Portugal com a certeza de um novo livro no final de 2007.